



VIS
Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB
V. 16, nº1/janeiro-junho de 2017
Brasília
ISSN: 2447-2484



VIS
Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB
V. 16, nº1/janeiro-junho de 2017
Brasília
ISSN- 1518-5494
ISSN (versão eletrônica): 2447-2484

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva

Instituto de Artes

Direção

Ricardo José Dourado Freire

Departamento de Artes Visuais
Coordenação do Programa de Pós-graduação em Arte

Belidson Dias

Chefia

Marcelo Mari

Revista Vis

Editor Responsável

Biagio D'Angelo

Editores ad hoc

Biagio D'Angelo

Conselho Editorial

Belidson Dias

Daniela Fávaro Garrossini

Emerson Dionísio G. de Oliveira.

Luciana Hartman

Marcus Mota

Maria Beatriz de Medeiros

Conselho Consultivo

Anita Sinner, Concordia University,
Canadá.

Graça dos Santos, Université Paris Ouest
Nanterre La Défense, França.

Jorge Anthonio e Silva, Universidade de
Sorocaba, Brasil.

Jorge Coli, Universidade Estadual de
Campinas, Brasil.

Luis Sérgio Oliveira, Universidade
Federal Fluminense, Brasil.

Luiz Cláudio da Costa, Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Philippe Brunet, Université de Rouen,
França.

Raimundo Martins, Universidade
Federal do Goiás, Brasil.

Ricard Huerta, Universidad de Valencia,
Espanha.

Rita Irwin, University of British
Columbia, Canadá.

Suzete Venturelli, Universidade de
Brasília, Brasil.

Capa

Oto Reifschneider

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VIS: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Arte. Universidade de Brasília.
Departamento de Artes Visuais. Instituto de Artes. – v.16, n.1 (2017) – Brasília: UnB,

2017- v. Semestral

Disponível: <http://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/index>

ISSN 2238-5436 ISSN 2447-2484

1. Artes Visuais: Periódicos. 2. Artes Cênicas. 3. Educação e Linguagens Visuais. I. Universidade de
Brasília. Programa de Pós-graduação em Arte.

CDU: 7 (05)

Sumário

Editorial

Biagio D'Angelo

Dossiê – A arte não ocidental no contexto múltiplo e transdisciplinar da contemporaneidade.

“The Hard Desire to Last”:

Stories of Continuity. Contemporary art and Collection of Islamic Art

Monia Abdallah

Uma leitura comparada das artes selvagens: Lévi-Strauss e Breton nos Estados Unidos

Sylvie André

Las contingencias del patrimonio artístico peruano

Martha Barriga Tello

“The world that reveals that it is a world”: On The Art of Mono-ha and New Materialism

Ionit Behar

Território contaminado – impureza e mistura em conexões artísticas entre África e Brasil

Roberto Conduru

“Glove – Evolg”: expor pelo avesso. A reversibilidade como conceito estético entre a cultura oriental e ocidental

Biagio D'Angelo

Orient(e)ação: as vanguardas artísticas na Rússia confrontando o eurocentrismo

Cristina Dunaeva

A emergência do contemporâneo: vanguarda japonesa entre duas olimpíadas

Pedro Erber

A China, Ai Weiwei e Andy Warhol

Giuseppe Frangi

***O infraínfimo* em excesso, ou uma pluralização do espaço cotidiano. Três tentativas, três artistas japoneses: Yayoi Kusama, Chiharu Shiota e Masaharu Sato**

Kenji Kitayama

Linhas imaginárias: desenho e memória na obra de Rosana Palazyan

Maria Adélia Menegazzo

***Os 500 Arhats*: o retorno de Murakami Takashi e a transformação da arte japonesa**

Donatella Natili Farani

Os sentidos caligráficos em Hilal Sami Hilal. Por uma proposta de pintescritura

Marco Antônio Vieira

Colaborações – Tema Livre

Diminutas como figuras da experiência

Patricia Franca-Huchet

The Primacy of the Perceptual Experience in Maurice Merleau-Ponty

Alessandro Ballabio

Traduções

O Paradoxo da Natureza-morta

Hanneke Grootenboer

A natureza morta na perspectiva da semiótica

Iúri Lotman

Entrevista

Da Mesopotâmia ao Brasil: Zahed Taj-Eddin fala sobre sua produção e as influências contemporâneas

Clauder Diniz

Editorial

Em um artigo intitulado “Arte Híbrida? Um olhar por trás das cenas globais” (2001), Hans Belting se interroga sobre o estatuto da arte na atualidade, enfatizando, especialmente, o que está atrás de uma assim denominada “arte não ocidental”.

Quais de nossas categorias e imagens linguísticas são ainda capazes de caracterizar globalmente as relações deste mundo? Não há esquema de pensamento global para a diversidade de culturas, porque todo esquema de pensamento é cultural e, portanto, localmente embasado. Isso também se aplica ao Ocidente, tão orgulhoso de sua invenção da ideia de humanismo, mas que ainda usa outras culturas como um espelho para se ver (BELTING, 2002, p. 168).

O nosso modo de ver e perceber a produção artística mundial está quase sempre atrelado a uma visão eurocêntrica ou meramente ocidental. Neste número da *Revista VIS*, decidimos continuar e, quem sabe, abrir umas reflexões sobre a perspectiva da arte não ocidental, considerando que as instâncias acadêmicas mantêm ainda um horizonte hegemônico “eurocentrado”. Acreditamos que o desafio dos educadores, dos críticos, dos historiadores e dos teóricos em arte necessite focar-se, mais que nunca, numa época de “glocalizações”, na discussão de novos conceitos, no debate sobre as transformações institucionais (Bienais, Museus, Galerias de Arte, entre outras), para saber compreender e interpretar as revisões históricas e geográficas em prol de uma ampliação da manutenção do conceito de arte hoje.

O dossiê, intitulado “A arte não ocidental no contexto múltiplo e transdisciplinar da contemporaneidade” apresenta pontos de vista heterogêneos, tanto pela diversidade geográfica e cultural de onde recebemos as propostas, como pelas abordagens e pelos distintos campos de pesquisa.

Monia Abdallah discute o fato de que, nos últimos trinta anos, o Islã, entendido como civilização islâmica, tem sido, em vários sentidos, crescentemente associado à noção de arte contemporânea. Essa associação entre arte contemporânea e arte islâmica levou à noção de Arte Islâmica Contemporânea, que se baseia na ideia de permanência da arte islâmica. Essa interpretação também funda-se na ideia de permanência da civilização islâmica e em uma concepção a-histórica do tempo. Para a pesquisadora canadense, esse renascimento da arte islâmica é um meio de estabelecer, através da arte, a continuidade cultural da civilização islâmica. Sylvie André dedica sua atenção a uma leitura comparada “das artes selvagens” proposta por Claude Lévi-Strauss e André Breton. Martha Barriga Tello oferece uma leitura histórica do patrimônio artístico peruano, como arte nacional em um contexto colonial e latino-americano, e se pergunta sobre a relevância da perda do legado patrimonial de uma época ou de um país. Ionit Behar discute a relação entre arte, percepção e engajamento, do movimento artístico japonês, reconhecido “Mono-ha” (Escola das Coisas), reconsiderada em sua aproximação com o neo-materialismo. Em seu texto, Roberto Conduru aborda a articulação de dimensões ocidentais e não ocidentais da arte produzida no Brasil desde o século XVI até o presente, focando em alguns processos, instituições, artistas e obras marcados por conexões entre Brasil e África. O objetivo do artigo de Biagio D’Angelo é

oferecer uma possibilidade de reexaminar o diálogo cultural entre Oriente e Ocidente partindo das diversas reflexões suscitadas pela exposição “Glove-Evolg” (em japonês, “Tebukuro | Rokubute”) realizada no Museu Nacional de Arte Moderna de Tóquio (MOMAT), organizada a partir de uma releitura do conceito de reversibilidade de Merleau-Ponty. Cristina Dunaeva propõe uma nova reflexão sobre o conceito de Oriente após as críticas elaboradas ao eurocentrismo pelos protagonistas do movimento de vanguardas na Rússia. O texto completa-se com a tradução, de russo para o português, de um dos manifestos futuristas. Pedro Erber apresenta um registro textual e fotográfico da exposição “A Emergência do Contemporâneo: Vanguarda no Japão, 1950-1970”, realizada no Paço Imperial do Rio de Janeiro em julho/agosto de 2016. Giuseppe Frangi reflete sobre o fenômeno da nova arte chinesa do início do terceiro milênio. Kenji Kitayama mostra uma poética do excesso como elemento convergente nas estéticas de artistas japoneses contemporâneos como Yayoi Kusama, Chiharu Shiota e Masaharu Sato. Maria Adélia Menegazzo explora a poética da memória na obra de Rosana Palazyan, marcada pela diáspora armênia. Donatella Natili Farani explora, por meio da obra monumental “Os 500 Arhats”, o retorno do artista Murakami Takashi às cenas da pintura contemporânea japonesa. Marco Antônio Vieira propõe o termo de “pintescritura” para abordar a obra de Hilal Sami Hilal que oscila entre a homenagem à literatura e o sentido imagético. Entre as colaborações, externas ao dossiê, poder-se-á ler um texto de Patrícia Franca Huchet sobre a série “Diminutas” (2016); um texto sobre a experiência da percepção em Merleau-Ponty, escrito por Alessandro Ballabio; e duas traduções, ambas dedicadas ao gênero da natureza-morta, de Hanneke Grootenboer e Iuri

Lotman, pela primeira vez publicadas em língua portuguesa e no Brasil. Uma entrevista de Clauder Diniz ao artista sírio Zahed Taj-Eddin conclui esse volume. A capa da revista é ilustrada por uma fotografia da exposição de Zahed Taj-Eddin, realizada em Brasília, entre maio e junho de 2016, gentilmente concedida por Oto Reifschneider que aqui agradecemos. Deixo o meu último agradecimento especial a Livia Zacarias Rocha e Leila Teixeira de Souza, colaboradoras desta edição.

Boa leitura e boa reflexão.

Biagio D'Angelo
Editor

Referências

BELTING, Hans. "Arte híbrida? Um olhar por detrás das cenas globais". *Arte & Ensaios. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA-UFRJ*, 2002, pp. 167-175.